



**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**Curso de Bacharelado em Ciências Sociais**

**Departamento de Antropologia**

**MANIPULAÇÃO E RESISTÊNCIA: O CASO DO BLOCO DA  
LAJE NO CARNAVAL DE RUA DE PORTO ALEGRE**

VINICIUS RISKALLA

Porto Alegre, Junho, 2016.

VINICIUS RISKALLA

**MANIPULAÇÃO E RESISTÊNCIA: O CASO DO BLOCO DA  
LAJE NO CARNAVAL DE RUA DE PORTO ALEGRE**

Trabalho de conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
Antropologia da Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul como requisito para a  
obtenção do título de Bacharel em  
Ciências Sociais.

Professor Orientador: Caleb Faria Alves

Porto Alegre, Junho, 2016.

## **Agradecimentos**

A todos que de alguma forma contribuíram para a minha formação, tanto humana como acadêmica.

Ao professor Caleb Faria Alves por me orientar e pelas cadeiras que ministrou e serviram de inspiração para a escolha do tema desse trabalho, aos membros da banca, professor Arlei Sander Damo e professora Cornelia Eckert por aceitarem o convite e contribuírem ao longo dessa caminhada. Um agradecimento especial para as colegas Alexia e Viviane e ao professor Sergio Baptista pelos intensos e construtivos debates na cadeira de projeto.

Um agradecimento mais do que especial a minha companheira Priscila por sempre me incentivar e acreditar no meu potencial, pelas tantas vezes que revisou meus trabalhos e não me permitiu desistir.

À minha mãe por ver capacidade em mim e por todas as críticas que desferiu quando eu parecia esquecer as minhas capacidades, ao meu irmão pelo barulho que fazia no quarto ao lado me permitindo produzir na madrugada e ao meu pai pelo apoio dos últimos anos.

Por fim agradeço ao Diego, Juliano e Thiago pela entrevista e por todas as nossas conversas e momentos nesses anos de Carnaval. A todos os amigos brincantes que sabem o seu devido valor nessa construção e não precisam ter nomes mencionados. Ao Bloco da Laje que possibilitou tudo isso. Evoé!

*Lá vem gente vindo  
Caminhando, rindo  
De azul, vermelho de amor  
Tem artista, vem gente da rua  
Tem o Sol e a Lua como condutor  
Lá vem gente vindo  
Colorindo a rua  
Fantasia, só se quer brincar  
Só se quer pular  
Só se quer dançar  
Só se quer achar-se na multidão.*

*(“Lá Vem gente” - Bloco da Laje - Pâmela Amaro / Ravi Arrabal, José Facury e  
Josue Soares).*

## **RESUMO**

Este trabalho visa compreender a inserção e posicionamento do Bloco da Laje no Carnaval de Rua de Porto Alegre. A partir das modificações estruturais do Carnaval de Rua, procurou-se entender como o Bloco da Laje posicionou-se diante dos processos de massificação e padronização, através de determinadas características e mantendo-se autônomo. Para tanto, foi resgatada a sua formação, realizadas observações participantes ao longo do Carnaval e de outras atividades realizadas pelo Bloco (a partir de 2015), e uma entrevista em profundidade com três integrantes do grupo. A partir disso, verificou-se que a identidade inventada como construção coletiva possibilitou a manutenção do Bloco, tanto em sua saída no Carnaval de Rua de 2016, quanto em seu posicionamento crítico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carnaval de Rua; Bloco da Laje; Identidade.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeira Saída de Carnaval do Bloco da Laje em 2012.....	6
Figura 2 - Primeiro dia do Carnaval de Rua de Porto Alegre.....	10
Figura 3 – Carnaval do Bloco da Laje (2014) à esquerda e o Carnaval “Oficial” de Porto Alegre (2014) à direita .....	14
Figura 4 – Carnaval do Bloco da Laje (2015) à esquerda e o Carnaval “Oficial” de Porto Alegre (2015) à direita .....	15
Figura 5 – Bloco da Laje no Carnaval de 2015 – Centro Histórico.....	19
Figura 6 – Ensaio do Bloco da Laje para o Carnaval de 2016 .....	20
Figura 7 – Cortejo 2013 na Antiga Colônia Africana.....	21
Figura 8 – Vivências Artísticas do Bloco da Laje 2016 .....	24
Figura 9 – Jesus da Laje 2016 .....	26
Figura 10 – Trajeto do Carnaval do Bloco da Laje 2016.....	27
Figura 11 – Carnaval do Bloco da Laje 2016 – Palácio Farroupilha.....	28
Figura 12 – Carnaval Bloco da Laje 2016: Teatro São Pedro e Rua Riachuelo .....	29
Figura 13 – Carnaval do Bloco da Laje 2016: Casa de Cultura Mario Quintana.....	30

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	1
2. Formação e Construção de um Bloco de Carnaval .....	2
2.1 “Nascimentos” do Bloco da Laje: Do “Mito Fundador” às Ocupações .....	2
2.2 “Brincadeira Como Posicionamento Político” e a Experiência no Carnaval de Rua do Rio De Janeiro. ....	4
2.3 “Parecia Uma Pororoca”: 2012 e a Primeira Saída de Carnaval da “Laje” .....	5
3. Ressurgimento do Carnaval de Rua .....	7
3.1 Atores da Retomada e Crescimento. ....	7
3.2 Centralização e Produção da Festa: Entre as Grandes Marcas e o Poder Público. ....	8
3.3 “Enxugamento” do Carnaval de Rua “Oficial” de Porto Alegre: Manutenção do Formato e Crescimento dos Blocos Independentes. ....	11
3.4 O Bloco da Laje Frente à Conjuntura: Uma Proposta Desvinculada. ....	13
4. “Esse é o Bloco da Laje”: A Construção da Identidade. ....	17
4.1 Musicalidade, Teatralização e Visualidade. ....	18
4.2 O Bloco e a cidade.....	19
4.3 O Bloco e os Brincantes. ....	21
5. O Carnaval de 2016 do Bloco da Laje .....	23
5.1 Construção Coletiva de uma Saída Autônoma de Carnaval: O Projeto de Financiamento Coletivo do Bloco da Laje. ....	23
5.2 A Saída pela manhã no Carnaval de Rua de 2016. ....	26
6. Considerações Finais.....	31
7. Referências Bibliográficas.....	33

## 1. Introdução

O presente trabalho pretende evidenciar o panorama do Carnaval de Rua na cidade de Porto Alegre, desde seu ressurgimento, crescimento e processos de massificação, padronização, absorção e aproveitamento. Utilizarei como base comparativa, nos devidos moldes, o carnaval carioca. Esse panorama geral servirá como pano de fundo para a análise de um Bloco específico, o Bloco da Laje, e a sua inserção dentro deste processo. Analisando questões como: Em qual conjuntura e momentos surgiu esse Bloco? De que forma se constituiu? Quais características permitiram que se constituísse de determinado modo? Essas características decorreram de apelo público? Como se posicionaram frente ao processo de massificação a fim de manter sua proposta original de autonomia? O que é pretendido nesse mar de acontecimentos é o entendimento das situações que serviram como inspiração para a formação, construção, processo de identificação e consolidação desse bloco de carnaval.

Para a realização do trabalho foi relevante, primeiramente a participação no carnaval de rua, como brincante, desde seu ressurgimento na Cidade de Porto Alegre. O acompanhamento do processo, mesmo sem fins acadêmicos, desde seu início proporcionou uma visão temporal privilegiada das mudanças que estavam acontecendo. Dentro dessa perspectiva a participação desde a primeira saída do Bloco da Laje serviu de válvula impulsionadora para a sua escolha e de uma análise primária da diferença que começava a se operar frente à conjuntura geral.

Dito isso, a partir de 2015 houve uma reaproximação mais intensa com o bloco, com intuítos já de cunho acadêmico, quando em 26 de junho do mesmo ano foi realizada uma entrevista em grupo, com três dos principais integrantes do Bloco da Laje, Diego, Juliano e Thiago e que fazem parte do Bloco desde a sua pré- formação. Serão eles referidos pelo primeiro nome nas partes onde forem citados ao longo do trabalho. Além disso, uma série de observações participantes foi feita. Aqui ressaltam se a reunião de organização do Arraial do Bloco em 2015, os ensaios abertos nas semanas que precederam a saída de carnaval, o baile de cinco anos do bloco e a saída propriamente dita do Bloco da Laje no Carnaval de Rua de Porto Alegre, todas em 2016. Houve ainda a presença em quatro dos oito dias da programação “oficial” do Carnaval de Rua.



## 2. Formação e Construção de um Bloco de Carnaval

### 2.1 “Nascimentos” do Bloco da Laje: Do “Mito Fundador” às Ocupações

O Bloco da Laje surgiu de diversos momentos, é a união de amizade, experiências e desejos. As vivências dos seus principais integrantes somadas aos acontecimentos políticos que eram produzidos a sua volta e a relação de cumplicidade foram importantes agentes nessa construção.

Dentre os diversos fatores que culminaram na formação do bloco um ilustra em especial a natureza espontânea do seu surgimento e que tem por característica principal ser uma primeira fagulha. No carnaval de 2011 um grupo de amigos se reuniu no apartamento em que morava Diego para um churrasco, o apartamento dispunha de uma “laje” onde as pessoas foram se reunindo conforme chegavam. Algumas delas vinham fantasiadas, já no clima de carnaval, pois a ideia era ir após o churrasco para um dos poucos blocos que existiam na cidade, o Bloco Maria do Bairro. Para os que não tinham fantasias, Diego, que é ator, disponibilizou uma variedade de figurinos que tinha guardado em um saco. Havia de tudo um pouco e todos os que estavam presentes entraram no clima e foram escolhendo suas fantasias e se produzindo. Essa relação de improviso e amizade na “laje” culminou em um primeiro trajeto de palhaçadas, música e risadas, da casa do Diego localizada na Avenida Independência próxima ao colégio Rosário, até a Rua Sofia Veloso na Cidade Baixa onde o “Maria do Bairro” faz seu Carnaval de Rua, como ressaltou o Juliano na entrevista: *“Não tinha intenção, não tinha objetivo. Era aquilo que vocês estavam fazendo ali. Era uma galera comendo um churrasco na laje e se fantasiando pra ir pro Maria do Bairro. Era esse o primeiro lado, um dos impulsos”*. Esse “modus operandi” que se produziu na criação do Bloco vai ao encontro do formato quase mítico de surgimento de blocos de carnaval. Um formato que por muitas vezes não se encontra mais nas atuais conjunturas que o carnaval de rua tende a apresentar:

Os próprios blocos de rua que representam partículas da festa tem sido transformados em produtos mercantis gerados dentro de escritórios e não mais em mesas de bar, através de acordos entre produtores e artistas e não mais entre risadas de amigos, pensando primeiro na estrutura e em sua projeção e não vivendo esta etapa enquanto consequência possível ou não. (FRYDBERGY; EIRAS, 2014, p. 6).

Desse primeiro estímulo cabe abarcar outro que se realizou na segunda metade do ano de 2011, tido como um dos pontos-chaves para o “nascimento” do Bloco da Laje. Ao redor do mundo movimentos de contestação tomaram forma e diversas ocupações ocorreram nesse ano com o intuito de mostrar insatisfação frente às práticas e formas como o sistema se apresentava. Uma efervescência cultural despontou desses encontros contestatórios nas diversas capitais do mundo e serviram também de palco para mobilizar uma veia de inspiração na cidade de Porto Alegre. A presença no e do outubro de 2011 foi sentida no que viria a ser o Bloco da Laje, como bem retratou o Diego:

Aqui, daí lembro que teve uma data internacional que marcaram o pessoal de esquerda, de fazer essas ocupações no dia 15 de outubro e aí a gente nem era bloco ainda, mas a gente foi e eu me lembro da gente dentro de todo aquele movimento, ali, de pessoas diferentes... Ali começou as articulações, assim, também, dos movimentos... Parece que ali foi um lugar meio que de encontro onde cada um tava meio que se apresentando assim, saca? A forma que queria se colocar, entendeu? E aí pra mim ficou muito marcante a coisa que a gente começou a brincar lá e começou a fazer música e algumas músicas nasceram lá, ‘o sol é o rei’ o ‘quem quiser brincar’.

Esse momento que se vivia no início da segunda década do século XXI proporcionou a articulação de diversos movimentos com seus diferentes formatos e objetivos, um deles foi o Bloco da Laje.

A característica de uma origem espontânea através da reunião de amigos e a posterior inserção num ambiente de contestação política são marcas fortes que produzem um impacto no processo de construção do Bloco, isso se associa ainda aos desejos de formação e experiências compartilhadas, seja nesses momentos, seja em momentos anteriores, que podem ser ressaltados pelo que disse o Juliano:

Por que depois a gente vai começar a ter, tá, então vai ser o bloco da laje que vai fazer isso, que vai cantar essas músicas que vai brincar com esses desejos que o Tiago e a Julia já tinham de fazer o cortejo do paulista, o bloco do paulista, que se juntou com a nossa vontade, com o que os guris já tinham feito do churrasquinho que tu participou e com a loucura que eu tinha vindo do carnaval, da minha vivência do carnaval do Rio de Janeiro, mas com a vivência política que a gente tava vivendo ali naquele momento e com outros encontros que tavam rolando na nossa volta, de encontro com músicos do caralho... Uma galera que tava também querendo brincar.

## 2.2 “Brincadeira Como Posicionamento Político” e a Experiência no Carnaval de Rua do Rio De Janeiro.

Todos os encontros, ocasiões e experiências fizeram aflorar um conjunto de características que marcaram o Bloco da Laje desde a sua concepção. A pontuação e entendimento delas são de fundamental importância para compreender a constituição, posicionamentos e criação de uma identidade como bloco.

A brincadeira, por exemplo, é um tema recorrente quando se conversa com os integrantes, mas a maneira como irão realizá-la e utiliza-la terá implicações significativas, essa brincadeira nunca aparece vazia de significado, traz imbuídos mecanismos como a busca de liberdade nos espaços públicos, o posicionamento político, a crítica as instituições. “*Pra nós a essência do carnaval foi essa, a brincadeira e o posicionamento político*”. (Diego)

A escolha pela criação de um Bloco de Carnaval pelo grupo, que era constituído na sua gênese por uma maioria de atores e pessoas ligadas ao teatro, ganha em significado quando se pensa na essência do carnaval como brincadeira e posicionamento político. O carnaval não representa mais um dito espaço de supressão momentânea da ordem vigente (DAMATTA, 1997), ele se torna sim um espaço de contestação de tal ordem, um espaço de manifestação. Diego ainda salienta que diversas coisas poderiam ter sido feitas, devido à formação inicial desse grupo, como um filme, uma peça, uma performance, mas essa ideia constitutiva de carnaval e o espaço e leque de possibilidades que o mesmo proporciona para tais, cria o local ideal para construir e expor essas inquietações e sentimentos.

Dentro desse caminho que se projetava, a experiência vivida no Carnaval de Rua do Rio de Janeiro se tornou marcante para o Juliano, experiência essa que contribuiu para outra visão de carnaval e para a incorporação de elementos no processo de surgimento do Bloco.

Eu fui em 2008 pro carnaval no Rio de Janeiro, eu e a fê... a gente era os gaucho tentando fazer carnaval no Rio de Janeiro, meio que vivendo a noite do carnaval, sabe?... E aí a galera falava pra gente ‘ih, vocês tão perdendo a morta que é o carnaval de manhã, que é o carnaval de rua da manhã, que é o carnaval do sol, que é o carnaval de não sei o que’... Em 2009 a gente vai de novo pra poder viver isso. Vamos viver esse carnaval do dia, qual é que é do carnaval do dia? Aí foi o ‘Di’ também... a gente encontra uma galera meio que lá no carnaval do dia em 2009, a gente viveu um carnaval do caralho, um carnaval egípcio, o carnaval de 2009 foi

muito potente, (Diego - "foi épico"). Foi assim, a gente acordava de manhã sete horas pra ir pro bloco e a gente conseguiu cumprir essa coisa de fazer os blocos de manhã, conseguiu cumprir a saga do brincante, entendeu?... mas chega no final desse carnaval de 2009... teve a coisa da brincadeira lá, da gente começar a brincar com as coisas de se fantasiar porquê a gente via que a galera investia numa coisa de ir fantasiado pro carnaval, tinha uma coisa, uma brincadeira daquelas personas e pessoas que brincavam o carnaval o dia inteiro ou que tu encontrava elas em vários blocos com figurinos diferentes e tal. Isso foi uma coisa que pegou pra mim em 2009, sabe? Dai eu quis viver o carnaval do Rio, dai eu morei lá 2009, 2010, 2011 e eu fui contaminado por isso, dai cada carnaval eu me aperfeiçoava mais.

Aqui já aparecem algumas das características que serão apropriadas e resignificadas dentro de determinadas ideias e conceitos, como o de “Laje” (e o que isso representa) e que será mencionado mais a diante nesse trabalho. Tais pressupostos adquirem notoriedade na trajetória do bloco, a importância da transformação, por exemplo, quando dentro das saídas, na criação de personagens, na produção e utilização de fantasias e o próprio impacto que esse “carnaval do dia” vai ter na ideia de como se deve realizar uma saída de carnaval, culminando na primeira saída pela manhã do Carnaval de Rua de Porto Alegre em 2016. “Um povo inventa uma coisa aqui, e outro inventa uma coisa diferente ali (e só inventam coisas diferentes porque são diferentes, ou estão situados em ambientes diferentes). O encontro entre essas coisas diferentes produz uma novidade importante para toda a humanidade.” (VIANNA, 2005).

### **2.3 “Parecia Uma Pororoca”: 2012 e a Primeira Saída de Carnaval da “Laje”**

A primeira saída de Carnaval sob o estandarte, com suas cores e o nome de Bloco da Laje se deu no Carnaval de Rua de 2012. Carnaval esse que ainda dava passos curtos, mas já começava a ter uma pequena movimentação por parte de alguns blocos. Nessa primeira saída o Bloco atraiu um público de mais de 2 mil pessoas, superando as expectativas de seus integrantes, com o tema “deixa brincar”, o bloco se deslocou por um trecho do Bairro Cidade Baixa, saindo do Largo Zumbi dos Palmares pela Travessa do Carmo, seguiu pela Rua João Alfredo, por três quadras entrando a esquerda na Rua Joaquim Nabuco, com o objetivo de parar na Travessa dos Venezianos<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Liga as Ruas Lopo Gonçalves e Joaquim Nabuco, onde existe uma série de dezessete casas populares tombadas pelo município.

Juliano - Ba, quando a gente chegou lá tava acontecendo o, era parada pelo Brasil, conexões Brasil, uma coisa que tinha.

Diego: Não, era a roda de samba, brasilidades.

Juliano e Thiago - Brasilidades!

Thiago - A gente engoliu o troço, tá ligado?

Juliano - A gente passou e falou assim, 'não, vai ser assim, a gente vai passar e vai cruzar, vocês continuam lá e a gente vai cruzar'.

Diego - Não, a gente tocou uma junto.

Juliano - A é, a gente tocou uma junto, tinha a função do toca uma junto.

Diego - Só que quando a gente chegou lá era eles.

Juliano - Parecia uma pororoca cara...

Esse impacto de público que foi sentido pelo bloco sucedeu outro impacto sentido pelos brincantes que participaram dessa primeira saída. Ali já ficavam em evidencia traços que se tornariam características e acompanhariam a trajetória do bloco, como a qualidade e criatividade musical, as intervenções, o dialogo com os espaços, posicionamentos e fantasias, que arrebataram a todos durante o percurso.

### **Figura 1 – Primeira Saída de Carnaval do Bloco da Laje em 2012**



FONTE: Foto retirada do vídeo “Bloco da Laje - 12/02/2012”<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=upc6fWdTahY>> Acesso em: 20/04/2016.

### **3. Ressurgimento do Carnaval de Rua**

Quando se fala no ressurgimento do Carnaval de Rua é impossível não falar do Carnaval de Rua do Rio de Janeiro. Ressurgimento esse que se processou no início do século XXI, mas que teve um crescimento considerável na sua segunda década, portanto um fenômeno muito recente. Visando uma aproximação entre o Rio de Janeiro e Porto Alegre, respeitando as diferentes proporções entre as duas realidades, têm-se situações próximas que valem a reflexão, são elas: Os atores da retomada, o rápido crescimento e o processo de centralização e produção da festa.

#### **3.1 Atores da Retomada e Crescimento.**

Nos dois casos em que aqui se propõe um diálogo o ressurgimento do Carnaval de Rua é tido como uma ação que emana dos seus atores, no caso os Blocos de Rua. No Rio de Janeiro, Herschmann (2013) traz essa ideia de que “o Carnaval carioca impulsionado pela iniciativa espontânea dos atores sociais volta a ganhar força através dos blocos (e grupos musicais) que tomam as ruas da cidade”. Já em Porto Alegre a observação direta do fenômeno proporcionou que se chegasse à mesma conclusão. Ressaltando-se nesse processo como “atores da retomada” quatro grupos, o Bloco Maria do bairro em 2007, Turucuta – Batucada Coletiva Independente em 2009, Bloco Galo de Porto em 2011 e o Bloco da Laje em 2012.

O Rápido crescimento da festa se processou no Rio de Janeiro com números que impressionam. “De 2000 a 2014 temos o surgimento de 304 novos blocos de carnaval de rua” (FRYDBERG, 2014). Essa irrupção chamou a atenção do poder público da cidade e o seu potencial de atração turística e captação de recursos alicerçou a apropriação da festa com vieses de apoio, normatização e exploração (HERSCHMANN, 2013).

Para melhor construir as proporções que o Carnaval de Rua atingiu no Rio de Janeiro e o que representa na atualidade para a cidade e o poder público alguns números e considerações que esses autores trazem merecem ser destacadas. “No ano de 2014, 466 blocos foram autorizados pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro para realizarem seus desfiles, 465 blocos de fato encheram as ruas cariocas mobilizando mais de cinco milhões de foliões.” (FRYDBERGY; EIRAS, 2014). Essa celebração passou de uma semana para dois meses,

ocupando todo o verão e se tornando uma importante atividade de entretenimento. (HERSCHMANN, 2013).

Com diferentes graus de organização e profissionalização o carnaval dos blocos de Rua do Rio de Janeiro é hoje uma das expressões mais mobilizadoras do brincar carnavalesco, ao mesmo tempo que faz parte do entendimento, por parte do poder público, da festa carnavalesca como um megaevento anual da cidade. (FRYDBERG, 2014, p.5).

No caso de Porto Alegre a festa deu um salto considerável de tamanho em um curto período. No ano de 2013 saíram às ruas nove blocos de carnaval, todos concentrados na Cidade Baixa, atraindo cerca de 80 mil pessoas. Já no ano de 2015 foram 21 blocos dentro do calendário “oficial” da prefeitura, em três pontos: Cidade Baixa, Centro e Orla do Guaíba, atraindo cerca de 300 mil “foliões”<sup>3</sup>. Esse significativo crescimento dos últimos anos contou com uma aproximação e posterior centralização das atividades pelo poder público, com a captação de recursos da iniciativa privada e o envolvimento de produtoras na organização da festa.

Em termos de tamanho não existe comparação entre o Carnaval de Rua do Rio de Janeiro e o de Porto Alegre. Seja nos números de blocos, público ou patrocínios envolvidos, seja na função turística que o carnaval de Rua exerce no Rio de Janeiro. O que se verifica em Porto Alegre é algo que envolve muito mais o local, é um evento que movimentava a população da cidade e arredores (mas que já demonstra potencial<sup>4</sup>). Essa disparidade nos números e funções tem proximidade em alguns pontos como no que concerne ao formato que vem sendo proposto e a apropriação do evento por grandes marcas.

### **3.2 Centralização e Produção da Festa: Entre as Grandes Marcas e o Poder Público.**

Na situação específica de Porto Alegre a complexidade do fenômeno de centralização e produção da festa ainda é pouco palpável. O curto período de ocorrência do formato, que teve início em 2013 de modo muito experimental e se consolidou em 2014, não permite

---

<sup>3</sup> Disponível em: <[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/carnaval/default.php?p\\_noticia=176871](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/carnaval/default.php?p_noticia=176871)> Acesso em: 20/04/2016.

<sup>4</sup> Tanto econômico como da criação de uma imagem de cidade.

precisar as implicações a longo prazo desse fenômeno e sim a verificação das implicações diretas para com o Carnaval de Rua que começam a ocorrer. No surgimento dos Blocos em Porto Alegre por volta do ano 1930 tem-se um processo similar que levou, por exemplo, ao aparecimento das Escolas de Samba. Isso como é sabido não pode mais ocorrer, as Escolas de Samba já existem. Pôde-se notar, no entanto, a apropriação em virtude do crescimento que ocorreu e a modificação do formato proposto. “Preocupado com a grande concentração de massa (mais de trinta mil pessoas), o poder público organiza concursos carnavalescos, contribuindo com a infraestrutura, normatiza e censura, passando a registrar blocos e cordões, seus desfiles e suas fantasias e o local da festa.” (BRASIL; FOLBERG, 2015).

Na atualidade, analisando, as diferentes redes que compõe o Carnaval de Rua de Porto Alegre, tem-se uma retomada iniciada pelos blocos, que causa uma comoção e aceitação social por parte dos brincantes, fazendo o carnaval de rua aflorar. Depois que o “ponta pé inicial” é dado pelos blocos, passa a ocorrer no ano de 2013 uma centralização parcial da festa feita pelo grupo Cidade Baixa em Alta<sup>5</sup>. O crescimento do carnaval de rua, com suas saídas, concentradas no bairro Cidade Baixa, histórico reduto de resistência, samba e boemia da cidade, provocou uma mobilização em forma de preção por parte da associação de moradores do bairro sobre a prefeitura que no ano de 2014 e mais intensamente em 2015 centraliza juntamente com a iniciativa privada as saídas dos blocos, tomando assim o controle efetivo da festa e iniciando um forte processo de produção. Desse momento emana um formato característico de homogeneização do Carnaval de Rua, presente nos processos que tendem ao consumo.

Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”. No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidas a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Este fenômeno é conhecido como “homogeneização cultural”. (HALL, 2005, p. 75-76).

---

<sup>5</sup>Projeto cultural da Associação de Comerciantes da Cidade Baixa, com o apoio da Prefeitura de Porto Alegre. Nove blocos saíram pelas ruas do bairro: o Panela do Samba, Bloco do Jeito Que Tá Vai, Bloco Galo do Porto, Bloco Maria do Bairro, Bloco da Laje, Banda de K, Rua do Perdão, Fora da Área de Cobertura e Turucutá.



Atraindo a ideia para a realidade da proposta do Carnaval de Rua de Porto Alegre, esse seria o formato padronizado do trio elétrico, centrado na marca, onde identidades possíveis ou existentes são diluídas, já verificável em outras capitais do país e que passou a vigorar por aqui. Assim, “a festa torna-se um produto a ser reproduzido tecnicamente, e consumido como mais uma dentre as formas de lazer ofertadas e elencadas por uma indústria cultural moderna, em busca de uma padronização estética e uma mercantilização incessante” (ADORNO, 2002 *apud*. DUARTE, 2011).

O tipo do caminhão de trio elétrico do Carnaval de Rua de Porto Alegre deste ano e que segue o modelo do carnaval que vem sendo proposto, com uma intensa reprodução das marcas que tomaram conta da festa, pode ser visto na foto a seguir:

**Figura 2 - Primeiro dia do Carnaval de Rua de Porto Alegre 2016**



FONTE: Do autor (tirada em 23 de Janeiro de 2016)

Transformando o Carnaval que se propunha “autônomo” e plural em um bloco massivo, estruturado, pré-moldado de formatos e possibilidades de ação. Onde a marca fica em maior evidência que o próprio bloco, inibindo qualquer processo criativo. Sobre o assunto, Thiago expressou em entrevista as seguintes ponderações:

... A intervenção da prefeitura foi na estática do carnaval, foi já propondo algo que era diferente do que tava acontecendo. Todos os blocos que toparam o patrocínio da prefeitura saíram com o mesmo carro, todos os blocos vão ficar iguais, ter a mesma estética, ela interfere pagando pros blocos e interfere na estética do que está sendo proposto.

Outro problema com o formato que está sendo proposto é: caso se tenha uma proposta diferente, quais os rumos que se deve tomar dentro desse modelo? Existe espaço e articulação para quem deseja fazer algo diferente? Uma das restrições de ação trazida pelo Bloco da Laje em entrevista é a falta de uma liga dos blocos em Porto Alegre e de serem cobrados por isso. Sobre o assunto o Thiago relatou: *“nós não temos uma entidade nossa, os blocos são bem diferentes e as instituições nos cobram isso, a prefeitura nos cobra isso ‘ta e ai, vocês tem uma liga, não tem um representante’, mas até agora não temos isso e acho que não vai ser tão cedo”*. No Rio de Janeiro, devido ao tamanho do carnaval, essas ligas existem e tem variedade e diferença de objetivos, tendo ligas como a “Sebastiana” de blocos inseridos no carnaval de rua do calendário “oficial” do Rio de Janeiro e a “Desliga dos Blocos” que é desvinculada e contra o modelo proposto.

Essas considerações fazem com que os blocos cheguem a dois caminhos possíveis, um é o da articulação dentro do sistema, visando tentar impor determinadas reivindicações frente aos órgãos de poder e o formato imposto pelas marcas e o outro é a desvinculação total desse sistema.

Segundo Rita Fernandes, presidente da Sebastiana – Associação Independente dos Blocos de Carnaval de Rua da Zona Sul, Santa Tereza e Centro da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro – falta também por parte dos responsáveis pelos blocos imporem sua condição e limites para que o patrocínio se dê de forma a contemplar mais as necessidades dos blocos do que as necessidades de marketing das empresas, lembrando que os blocos estão em vantagem, pois são eles possuidores do “objeto de desejo” das empresas (FRYDBERG, 2014, p. 11).

### **3.3 “Enxugamento” do Carnaval de Rua “Oficial” de Porto Alegre: Manutenção do Formato e Crescimento dos Blocos Independentes.**

Tendia-se para uma continua expansão do Calendário “Oficial” do Carnaval de Rua de Porto Alegre, mas o que se viu no ano de 2016 foi uma expressiva redução no seu tamanho. A maior ocupação territorial desse carnaval deflagrada no ano de 2015, para desafogar um dos bairros da cidade, com o deslocamento de blocos para outras regiões, seguia o modelo de organização, visando à descentralização e expansão da festa, que vem sendo adotado no Rio

de Janeiro, com a transferência de blocos que atraem muito público para outras regiões, ocupando as e estimulando a criação de novos blocos nesses locais (FRYDBERG, 2014).

A expansão que se desenhava no Carnaval de Rua desse formato é freada, “em função da reclamação de moradores da Cidade Baixa, intervenção do Ministério Público e limitação do efetivo da Brigada Militar<sup>6</sup>”, mas a proposta é mantida. O tamanho do Carnaval diminuiu, mas a produção da festa se intensificou. A prefeitura passou de vez para os bastidores, enquanto as produtoras assumiram totalmente o controle da organização juntamente com as grandes marcas, em especial uma marca de cerveja, que mantém sua cor e logotipo pelas ruas da cidade nos dias e nos trajetos das saídas dos blocos.

Trazendo esse fenômeno para uma aproximação mais tangível e com isso para a realidade dos blocos pode se notar uma sensível reconfiguração da festa. Elencou se para isso dois grandes grupos: o dos blocos “absorvidos” e o dos blocos “independentes”.

Dentro dos absorvidos observou-se uma redução no número de blocos. Esse conjunto conta com blocos que fizeram parte da retomada, blocos com uma história no carnaval de rua da cidade e que se reestruturaram, blocos novos e blocos de bandas conhecidas na cena local. Eles se distinguem com relação ao percurso de formação, mas que culminam na mesma proposta de inserção no modelo de associação à marca e padronização estética com o formato dos carros de trio elétrico, esses blocos recebem patrocínio dentro dessa proposta “oficial” de carnaval de rua da prefeitura em conjunto com a iniciativa privada, através de alguma avaliação quanto à sua significância e importância.

No grupo dos denominados independentes, figura com destaque o Bloco da Laje que desde 2014 mantém total autonomia frente ao processo, como será argumentado dentro do trabalho isso só foi possível devido a uma série de fatores que possibilitaram a construção de uma identidade de grupo que causa afeto e permite autonomia, sendo figura singular no Carnaval de Rua da Cidade. No ano de 2016 devido à diminuição do carnaval oficial dois outros tipos de blocos independentes surgem. Acontece uma migração quase que forçada para esse formato de diversos blocos novos que haviam saído sob a tutela da prefeitura e iniciativa

---

<sup>6</sup>Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/pelas-ruas/noticia/2016/01/programacao-oficial-do-carnaval-de-rua-de-porto-alegre-e-divulgada-4956212.html>>. Acesso em: 20/04/2016.

privada em 2015, são blocos com temáticas específicas ou com alguma ideologia política. Outro acontecimento que teve impulso e certo destaque em 2016 foi o surgimento de novos blocos independentes que saíram, por exemplo, nos dias de carnaval onde nenhuma atividade estava programada para as pessoas que ficaram em Porto Alegre, como o Bloco da Matriz. Nesse contexto notasse como o enxugamento do carnaval de rua propiciou um novo universo de ação e formas de organização, com o surgimento de novos blocos independentes e uma maior espontaneidade. Gerando, mesmo sem ser a intenção dos órgãos públicos a ocupação e revitalização de outras áreas da cidade.

Dentro da óptica de como Porto Alegre é gerida cabe registrar aqui uma ponderação. Existe na cidade uma quantidade significativa de movimentos de rua, com força e solidez. Diversas festas, por exemplo, acontecem em locais públicos, tem nome conhecido e público fiel, nesse mesmo “balaio” pode se colocar o carnaval de rua, que nada mais é do que uma festa na rua, pelo que aqui foi elencado o grande crescimento que o carnaval de rua tomava foi contido por algum motivo, que pode estar associado ao clima de controle e avaliação dos movimentos de rua que impera na cidade. Depois de já instaurado o formato da festa, pertinente ao controle e exploração se busca com a diminuição no ano de 2016 alternativas para que nada saia demasiado das redias do sistema público e com isso possa se definir prioridades e rumos. Perante a eminência de leis que restringem manifestações em espaços públicos<sup>7</sup> tal hipótese ganha contornos de constatação e indagação a respeito do momento que se desenha na cidade.

### **3.4 O Bloco da Laje Frente à Conjuntura: Uma Proposta Desvinculada.**

O carnaval de Rua de Porto Alegre desde 2014 é um grande outdoor das marcas que o patrocinam. Qual o problema com isso? Nenhum, caso não se tenha uma identidade de bloco permeada pela liberdade de criação artística, visual e sonora. “O patrocínio privado por muitas vezes atropela a identidade dos blocos e transforma o desfile em verdadeiras estratégias de marketing de rua.” (FRYDBERG, 2014, p.11).

---

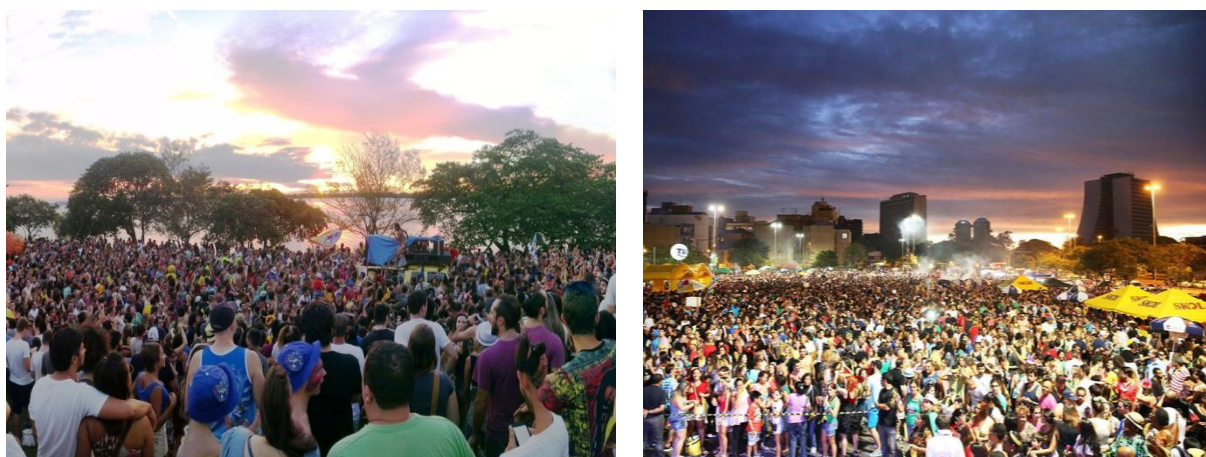
<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/prefeitura-prepara-decreto-que-restringe-manifestacoes-em-espacos-publicos/>. Acesso em: 20/04/2016.

O Bloco da Laje representa um diferencial frente à tendência atual de construção da festa, um contraponto. Dentre os blocos intitulados nesse trabalho como “atores da retoma” ele é o único a não sair no calendário oficial do carnaval de rua da cidade. O bloco teve uma participação no início do processo de apropriação do Carnaval de Rua, dentro do projeto Cidade Baixa em Alta (já referido anteriormente) no ano de 2013, mas devido principalmente às suas características de saída às ruas, baseada na forma crítica de se pensar a brincadeira e nela as instituições, a ocupação dos espaços públicos e nos moldes como construíram uma identidade de bloco, tornou-se de todo inviável fazer parte de um processo de massificação e atrelamento às rotinas e formas de se constituir dentro do carnaval como produto, intuindo a se desvincularem totalmente desse processo em 2014. Em fala na entrevista Juliano demonstra esse ponto de vista:

A gente começou a perceber que a gente não queria tá envolvido, a gente estava querendo ser apoiado por todas aquelas coisas, que tinha grana rolando naqueles lugares ali também, mas a gente não queria tá envolvido nesses slogans, entende?... A gente não queria começar a se envolver nessa massificação também, de ter demandas..., de toda a demanda estética que vai alterando...

As imagens a seguir mostram uma comparação entre o carnaval do Bloco da Laje e o modelo que vem sendo proposto em dois anos diferentes.

**Figura 3 – Carnaval do Bloco da Laje (2014) à esquerda e o Carnaval “Oficial” de Porto Alegre (2014) à direita**



FONTE: Foto à esquerda, Christoph Kühling. Foto à direita, Pedro Henrique Tesch.

**Figura 4 – Carnaval do Bloco da Laje (2015) à esquerda e o Carnaval “Oficial” de Porto Alegre (2015) à direita**



FONTE: Foto à esquerda, Diogo Vaz. Foto à direita, Autor desconhecido.

Outras formas de brincar o carnaval já conviveram ou se tornaram símbolos de resistência frente a um modelo dominante e que se dizia mais apropriado, organizada, funcional. O surgimento do carnaval dos blocos de rua mostra isso na sua história. O “Grande carnaval” que foi importado da Europa pela classe dominante brasileira, foi utilizado como símbolo de avanço, um carnaval pomposo, de bailes em associações, com desfiles orquestrados onde só a elite branca ou “embranquecida” participava; frente ao “Pequeno carnaval” ou “Carnaval Popular”, que aflorou no início do século XX e era tido como menos civilizado, com os desfiles dos cordões, ranchos, blocos, associações, onde as camadas mais baixas e negras tiveram acesso e tomaram as ruas com suas características transformando o carnaval no Brasil (QUEIROZ, 1992).

Nessa perspectiva do “Carnaval Popular” que os blocos surgiram, sendo uma tomada festiva das ruas pelas camadas populares, com seu ritmo, instrumentos e dança. Representando, entre outras coisas, uma forma de protesto frente às elites que dominavam as formas de “brincar o carnaval”, se fazendo visível e tendo direito as ruas e as manifestações culturais. Uma manifestação espontânea e de caráter contestatório.

Enquanto a elite construía seu carnaval inspiradas em recriações de modelos europeus da festa, as camadas populares, que nos festejos da elite tinha o papel de espectador, criaram novos modelos de brincar o carnaval. Inspirados pelas sociedades carnavalescas, as classes populares passaram a se organizar em blocos, cordões e ranchos. Nascia, então, o “Pequeno Carnaval”, considerado pela elite menos civilizado que o “Grande Carnaval”. (QUEIROZ, 1999 apud FRYDBERG; EIRAS, 2014, p. 3).



O carnaval traz em cada época as marcas da sua sociedade, nos períodos da festa, ao contrário do que se pensa, elas se reforçam e se intensificam. O carnaval de rua na atualidade tende nas suas disposições gerais a reforçar preconceitos como homofobia, machismo, racismo e na sua estrutura a conservar as marcas de uma sociedade de controle e voltada para o consumo. O formato da festa e os seus objetivos não deixam então de serem um reflexo de questões latentes no tempo presente. A contestação dessas práticas, por outro lado, também expressa uma marca significativa da sociedade. O fato dela acontecer durante o carnaval não significa necessariamente rompimento, mas expressão. Elas convivem nesse espaço. Dentro disso interessa saber quais grupos enfrentam tais posições? Quais grupos não aceitam se submeter devido ao fato do que propõe ser diferente e ir contra tais formatos e interesses?

As instituições do cotidiano, que o mito [carnavalesco] afirma ter destruído, não desaparecem em absoluto; estão sempre presentes, ainda quando os atores carnavalescos proclamam sua anulação total; ao que parecem apresentam-se como indestrutíveis.

O aprofundamento da análise da comemoração carnavalesca em sua realização efetiva denuncia que as estruturas do cotidiano estão sempre presentes, agindo até mesmo, às vezes, com mais força do que no período rotineiro... (QUEIROZ, 1999, p.194).

Frente a uma cidade cada vez mais controlada e voltada ao lucro surgem movimentos de contestação crítica e reivindicação das formas como os espaços públicos devem ser ocupados.

#### **4. “Esse é o Bloco da Laje”: A Construção da Identidade.**

O Bloco da Laje atualmente é um coletivo que envolve mais de 100 pessoas na sua organização direta. Trilhou nos cinco anos de saídas no Carnaval de Rua de Porto Alegre um pulsante caminho que o consolidou como uma diversificada expressão cultural, permitindo que pudessem transitar pelos mais variados seguimentos e terem sempre as mesmas atitudes e posições, sem nunca perderem uma “purpurina” que fosse.

Sua identidade foi construída, ou melhor, inventada (conforme WAGNER, 2012) coletivamente através da apropriação de traços diversos, a partir de um conjunto de elementos e da sua capacidade de transforma-los em algo novo. A identidade de bloco, de grupo é o conjunto de momentos que seguem sempre sendo construídos coletivamente. Ela tem passado, mas é móvel frente às situações que a chamam e gera afeto pelos que dela se sensibilizam, vem desde a experiência impulsionadora de seus atores iniciais, passando por um conjunto de cores, ritmos/sonoridades, posturas e posicionamentos vivenciados, compartilhados e resignificados.

Tudo circula entre as festas, na rede das festas: pedaços de melodias; versos; instrumentos musicais; detalhes de indumentária; falas de encenações teatrais. Danças de bumba-meu-boi migram para o reisado; melodias dos reisados são absorvidas pelas congadas; letras das congadas são reinterpretadas pelas marujadas; trechos de música pop-sertaneja entram para o repertório do siriri; e assim por diante, num processo que não tem fim, e que nenhum “preservacionista”, por mais bem intencionado que seja, vai conseguir ordenar ou (totalmente) estancar (VIANNA, 2005).

A identidade da “Laje” que aqui se propõe, ou melhor, se constrói joga dentro desse jogo. Obviamente que o que Vianna (2005) elucida nessa descrição tem dimensões distintas, é o trabalho de dez meses de pesquisa em mais de oitenta cidades brasileiras registrando festas populares. Vale a constatação dessa mistura de elementos. No caso do Bloco da Laje é a incorporação das influências (elementos do carnaval do rio, da efervescência das ocupações) unidas à narrativa que se constrói em cada vivencia coletiva, em cada saída, utilizando a teatralização crítica com a brincadeira, a redescoberta dos espaços e a interação com a cidade, reutilizando materiais para produzir fantasias, reinventando musicas. “Cada mestre recombina os ‘retalhos’ de várias outras brincadeiras.” (VIANNA, 2005).



#### 4.1 Musicalidade, Teatralização e Visualidade.

Essas podem ser consideradas as três principais características do Bloco da Laje. Em um primeiro momento elas soam como pertencentes a qualquer Bloco de Carnaval (e até o são), mas seguem a ideia conceitual vista anteriormente e se tornam à base de como expressam a sua identidade de grupo.

A Musicalidade se dá através da composição, de intensa capacidade criativa, tendo muitas músicas na ponta da língua dos brincantes, podendo se dar ao luxo de “aposentar” algumas delas, a reinvenção e resignificação de músicas também é muito utilizada. Na parte dos instrumentos pulsa uma bateria engajada, uma fanfarra afinada e as cordas vibram na guitarra e no baixo. Os vocais (femininos e masculinos) se completam num ritmo contagiante. Trazem ainda as influências do “detrambo”<sup>8</sup>, que vem das origens do teatro grego (Diego).

A aproximação, no processo de formação do bloco, entre atores e músicos é complementar e única na expressão do carnaval de rua da cidade. A teatralização, com a inserção de personagens que pontuam o trajeto das saídas, dialoga com as músicas, os brincantes e as situações propostas, transformando o cortejo em uma grande sequência fluida de acontecimentos. Um exemplo é o “Jesus da Laje” que após a sua encenação, em tom de desabafo e sátira, “desce da cruz” sendo carregado pela multidão ao som de “eu tô pregadão / eu tô pregadão / vamos tirar Jesus da cruz” até o topo da Kombi amarela de som onde fica nu e beija outros integrantes do bloco na boca.

O Bloco da Laje se vale do conceito da antropofagia para constituir sua linguagem, resultando em um grupo cênico/musical/carnavalizado, ou um bloco teatralizado, autoral, inspirado na cultura popular na composição de seus jogos e canções. Tal formação permite a formulação de um produto cultural híbrido, que transita em diferentes segmentos da cultura (Trecho da Descrição da Página do Facebook do Bloco da Laje<sup>9</sup>).

---

<sup>8</sup> Era um canto coral de caráter apaixonado (alegre ou sombrio), constituído de uma parte narrativa, recitada pelo cantor principal, ou corifeu, e de outra propriamente coral, executada por personagens vestidos de faunos e sátiros, considerados companheiros do deus Dionísio, em honra do qual se prestava essa homenagem ritualística. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditirambo>. Acesso em: 20/04/2016.

<sup>9</sup> Disponível em: <[https://www.facebook.com/blocodalaje/info/?tab=page\\_info](https://www.facebook.com/blocodalaje/info/?tab=page_info)>. Acesso em: 20/04/2016.

**Figura 5 – Bloco da Laje no Carnaval de 2015 – Centro Histórico**



FONTE: Eduardo Hernandes Dutra

Dentro de tudo isso existe uma visualidade muito marcante (através das cores do bloco: amarelo, vermelho e azul) com as fantasias e as maquiagens. Elas representam a criatividade de cada um, mas só são possíveis pelas trocas, tanto de ideias, de ajuda na hora da confecção, do um complementar o outro, lidando com os objetos, num constante exercício de recriar. Tudo muito único e ao mesmo tempo plural e integrador.

Nessa conjuntura insere-se o conceito de “Laje”, dentro de uma ideia de criatividade através da reutilização de materiais, da composição pelos brincantes das suas fantasias, na troca, no improviso, na maquiagem que um faz no outro. Na constante resignificação de tantos objetos, tantas melodias e momentos. “A dinâmica desde o início foi contemplar os afetos e as trocas presenciais em ensaios abertos nos espaços públicos e aproveitar os recursos disponíveis - a tal da estética do improviso” (CARMONA; LÁZARI, 2015).

A existência de um “barracão” no carnaval de 2016 integrou mais um ambiente dentro da dinâmica do grupo. A possibilidade de trocas na confecção das fantasias entre brincantes e integrantes do Bloco contribuiu para a consolidação de mais uma experiência.

#### **4.2 O Bloco e a cidade.**

Dentro de tudo que já foi mencionado, a ocupação dos espaços e a forma como ela se dá são temas de interesse latente para os integrantes do Bloco da Laje, esse debate permeia as inquietações do grupo e vale consideração nesse tópico exclusivo.

Através de um diálogo incessante com os espaços da cidade, buscaram desde sua formação um contato diversificado com a mesma. Indo atrás de áreas que consideravam importantes de serem ocupadas, redescobertas, reinventadas. Suas duas primeiras saídas de Carnaval, em 2012 e 2013 foram na cidade baixa, já em 2014 antes mesmo de qualquer movimentação para a diminuição dos blocos e dias do Carnaval de Rua nesse bairro, por parte do poder público, se deslocaram para a Orla do Guaíba e em 2015 e 2016 adentraram o centro histórico da cidade. Ainda nessa perspectiva os seus ensaios são abertos e se realizam no Parque da Redenção.

**Figura 6 – Ensaio do Bloco da Laje para o Carnaval de 2016**



FONTE: Do autor

Outro ponto que merece ser elencado nesse diálogo com a cidade é o fato de em 2013 terem sido contemplados em edital pelo Fundo de Apoio à Cultura (FAC) do Governo do Estado do Rio Grande do Sul para a realização do Projeto Cortejos do Bloco da Laje. Realizando duas saídas em berços históricos do Carnaval de Rua de Porto Alegre, na região da antiga Colônia Africana e no ainda pulsante Areal da Baronesa. Esses dois Cortejos representaram uma importante aproximação do Bloco e dos brincantes com esses locais de história e apelo intensos.

**Figura 7 – Cortejo 2013 na Antiga Colônia Africana**



FONTE: Sete/Nove

Dentro desse projeto houve ainda a realização de uma série de oficinas gratuitas que reforçaram as características tão marcantes na dinâmica do bloco e na construção da sua identidade, foram elas: Oficina de maquiagem, oficina de voz e expressividade, oficina poéticas do corpo, oficina de percussão. Dessa relação com a cidade o Juliano falou que:

A gente é um bloco da cidade. A gente se constituiu assim, como bloco da cidade. Nosso ensaio geral era na redenção e nossas saídas a gente ia decidindo qual era o espaço efetivo que tava nos chamando naquele momento, sempre pensando, ‘que espaço efetivo que nos chama nesse momento?’ E a gente começou a dialogar com as colônias, com a história da colônia africana, do areal da baronesa, nesses campos que a gente também foi se infiltrando, nesse imaginário também, a partir daí, dessa coisa que a gente viu que a gente tava tocando numa veia social da cidade, uma coisa que era da cidade, que já existia, a gente começou a tocar em outras peles da cidade também e os espaços vão se transformando.

#### **4.3 O Bloco e os Brincantes.**

O bloco está na rua, não existe uma separação, a Kombi de som fica no meio da multidão, as performances não param, elas fluem no ritmo das canções, todos se mechem, se tocam e não se vê distinção entre quem é integrante do bloco e quem é brincante. No carnaval de rua dos blocos aqueles que o seguem são considerados brincantes (CAVALCANTI, 2002), ou seja, “eles não são meros espectadores, mas são eles que constroem a narrativa carnavalesca.” (FRYDBERG, 2014, p. 16).

No caso do Bloco da Laje isso se torna ainda mais perceptível. Todas as praticas do bloco levam a uma aproximação e a uma construção que se pretende coletiva. Existe um convite à interação e as musicas conduzem os corpos a isso. Quem frequenta os ensaios sabe que “só se quer achar-se na multidão”. Os corpos e os sorrisos tem que se cruzarem, faz parte da construção previa e que vai virar no dia da saída uma experiência tão intensa e verdadeira que até os mais tímidos, recatados e que nunca presenciaram a cena saem girando de um lado para o outro, buscando esse pertencimento e essa presença.

O coletivo se diferencia por procurar sua forma própria de brincar e de oferecer estas brincadeiras ao público: esteticamente organizado, pulsante e principalmente convidativo à participação, à celebração e a momentos de comunhão através de uma experiência artística compartilhada, onde o público se integra fisicamente à obra e se torna um co-autor. “O Bloco e os Brincantes” (Trecho da Descrição da Página do Facebook do Bloco da Laje<sup>10</sup>)

A identidade construída é complementar e gera identificação. Essa, por sua vez, gira em torno da inclusão dos brincantes e do sentimento de pertencimento ao grupo. Os brincantes que saem no bloco sentem se conectados a ele, pois estão sempre sendo convidados a caminhar pelos seus espaços.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <[https://www.facebook.com/blocodalaje/info/?tab=page\\_info](https://www.facebook.com/blocodalaje/info/?tab=page_info)> Acesso em: 20/04/2016.

## **5. O Carnaval de 2016 do Bloco da Laje**

### **5.1 Construção Coletiva de uma Saída Autônoma de Carnaval: O Projeto de Financiamento Coletivo do Bloco da Laje.**

Não se faz carnaval sem dinheiro. Esse talvez seja um dos grandes dilemas na produção de um Bloco de Carnaval na atualidade, não o dinheiro em si, mas a forma como ele é angariado. No Carnaval de Rua do Rio de Janeiro:

A maior parte dos blocos continua enfrentando a dificuldade de arrecadar fundos para a realização dos seus desfiles. Alguns conseguem patrocínios privados; outros recorrem aos editais de incentivo fiscal na área da cultura; têm blocos que fazem atividades como festas, shows e ensaios durante o ano inteiro com o fim de conseguirem os fundos necessários; e ainda tem os blocos que optaram, a partir desse último carnaval, pela tentativa de financiamento coletivo por meio de plataformas virtuais. (FRYDBERG, 2014, p.10 e 11).

Quem aceita, por exemplo, o dinheiro de patrocinadores, no que quer que seja, terá que de alguma forma ceder aos seus interesses. Os Blocos que participam do cronograma “oficial” do Carnaval de Rua de Porto Alegre terão que “desfile” em grandes trios elétricos e terão nesses e em todo o trajeto que percorrerem as cores e logotipos do patrocinador “máster”, isso para dizer o mínimo. No caso específico do Bloco da Laje aderir a esse tipo de carnaval vai totalmente de encontro à proposta que o bloco tem de produção da festa. As decisões das saídas do Bloco são tomadas de forma coletiva, o grupo prima pela liberdade e autonomia nas suas realizações e as cores da “Laje” são como uma essência onipresente e se encontram em todas as pessoas que brincam na saída do bloco. Então o que fazer frente a difícil realidade?

Em Junho de 2015 em Reunião do Bloco da Laje para a organização do Arraial é lançada, em caráter interno, uma ideia como proposta para a viabilização da saída autônoma no carnaval de rua de 2016. Ideia essa de caráter essencial na composição da trajetória que se desenhava para o coletivo, através de uma saída que se produziria de forma independente e pela ação conjunta dos que se identificam com o Bloco. O Projeto de financiamento coletivo



do Bloco da Laje<sup>11</sup> teve por função viabilizar a tomada das ruas no carnaval de 2016 através de um sistema de recompensas que são adquiridas pelos que querem ajudar a financiar a saída de carnaval. Criação única dentro do Carnaval de Rua de Porto Alegre.

Esse sistema se baseava em ressaltar as principais características constitutivas do bloco. A contribuição que foi mais “adquirida” era a que dava direito ao convite para o baile de cinco anos, festa de intenso simbolismo e representatividade. As demais se constituíam basicamente em uma série de “vivências artísticas”, em moldes parecidos com as oficinas dos cortejos de 2013, onde os elementos que transmitem e permeiam a identidade do bloco (musicalidade, teatralização, visualidade) estavam “disponíveis” para uma maior aproximação.

**Figura 8 – Vivências Artísticas do Bloco da Laje 2016**



FONTE: Bloco da Laje - Divulgação

---

<sup>11</sup>Disponível em: <<https://www.catarse.me/pt/blocodalaje2016>>. Acesso em: 20/04/2016.

Esses elementos tem a capacidade de despertar o interesse em quem deseja partilhar de outra experiência dentro da dinâmica do grupo. A contribuição nesse modelo de economia da identificação se difere por inserir de fato os brincantes dentro do bloco, fazendo com que se sintam partes da engrenagem de produção.

#### VIVÊNCIAS ARTÍSTICAS - BLOCO DA LAJE

Para aproximar ainda mais os brincantes famintos por carnaval pensamos numa recompensa especial: serão oficinas de corpo, voz, fantasia, maquiagem, percussão e sopro lajudos, para nos prepararmos para botarmos juntos o Bloco na rua! A proposta é termos encontros específicos de cada grupo em um primeiro momento, e ao fim das atividades reuniremos todos em um grande encontro de compartilhamento e construção dionisiaco.

Estas vivências serão orientadas pelos artistas que organizam o bloco desde 2011 e serão uma porta para novos e antigos foliões se aproximarem e participarem mais ativamente desta grande brincadeira. Assim também conseguiremos remunerar os profissionais que dedicam boa parte do seu ano para que nosso Carnaval aconteça assim, sempre tão único e divertido! (CARMONA; LÁZARI, 2015)

As “vivências artísticas” compõem e reforçam o que o bloco pensa da construção do seu carnaval e traz ainda uma forma de experiência empírica e de aproximação dos seus integrantes com os brincantes (e vice versa) que ajuda a reforçar e manter viva as suas características de bloco, contribuindo na continua construção da sua identidade. Dentre todas essas “recompensas” está a mais importante: os brincantes querem que o bloco saia às ruas para viver novamente aquela experiência. O fim principal é o dia do carnaval que vai ser realizado pelo Bloco da Laje.

O financiamento coletivo terminou por ser um sucesso atingindo a meta antes do prazo de encerramento que era em 1º de dezembro do ano de 2015 e arrecadando quase o dobro do pretendido. Isso só foi possível nesse momento, depois de trilhado um caminho de ser e se constituir como bloco, em cinco anos de muitas situações e inserções o bloco acabou de tanto resignificar o modo de sair às ruas no carnaval, resignificando a forma de viabilizar essa saída, pelo menos no que concerne ao carnaval de Rua na Cidade de Porto Alegre.

Se a memória permite uma visão retrospectiva mais ou menos organizada de uma trajetória ou biografia, o projeto é a antecipação do futuro dessas trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos. A consistência do projeto depende, fundamentalmente, da memória que fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a



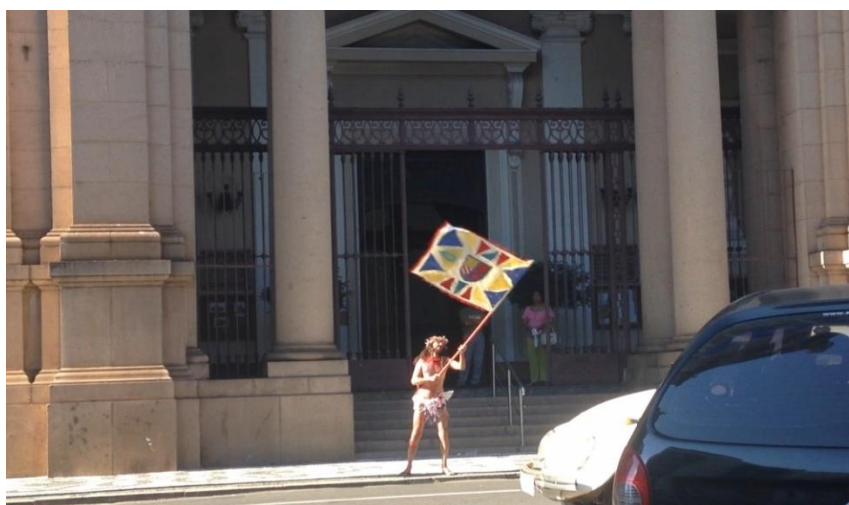
consciência das quais seria impossível ter ou elaborar projetos (VELHO, 2013, p. 65).

Como desfecho desse processo, em “reunião para tratar do regramento do Carnaval de Rua da Cidade de Porto Alegre”, onde se encontravam a promotoria do Ministério Público e representantes da Secretária da Juventude, de duas produtoras, da Brigada Militar, da Associação de Moradores da Cidade Baixa e de onze blocos que visavam sair pelo formato proposto, o Bloco da Laje ratificou: “O representante do Bloco da Laje informou que já está totalmente organizado em termos de patrocínio e que não deseja participar do evento dito ‘oficial’. Irá informar a EPTC e a BM sobre o percurso pretendido e a data em que se apresentará. Afirmou que o Bloco inicia a apresentação ainda no turno da manhã e segue até às 16 horas.” (Memória da Reunião).

## **5.2 A Saída pela manhã no Carnaval de Rua de 2016.**

Enfim havia chegado o dia. A data exata: 24/01/2016. Desde as 8 horas da manhã o bloco já ia se formando, as pessoas se aproximavam, os músicos começavam a afinar os instrumentos, os microfones eram ligados e o som aos poucos tomava conta do ambiente. Maquiagens eram feitas ou retocadas, as pessoas e suas fantasias se cumprimentavam, riam e se olhavam num misto de satisfação e ansiedade. Chico, o “Jesus da Laje”, balançava a bandeira do bloco em frente à igreja da matriz e parecia anunciar o que estava por vir.

**Figura 9 – Jesus da Laje 2016**



Fonte: Do autor

A primeira saída pela manhã do Bloco da Laje carregou toda a sua carga identitária, todas as características que já foram elencadas nesse trabalho estavam presentes, os brincantes tomaram as ruas em comunhão com a “Laje” para a construção de mais um capítulo dessa trajetória. Essa não era uma saída a mais, pois carregava todas às outras e ia ao encontro de um novo momento. Resgatando a ideia da saída pela manhã, advinda do “carnaval do dia” vivenciado no Rio de Janeiro no ano de 2009, o bloco construía um novo momento. Quando por volta das dez horas da manhã os metais sopraram, a bateria vibrou e em forma de mantra começou a ser entoado “esse é o bloco da laje”. A passos curtos o bloco caminhou e reinventou mais uma vez o seu carnaval.

Percorrendo um trajeto dentro do Centro Histórico de Porto Alegre, saindo da “Praça da Matriz” em frente à igreja imponente na Rua Duque de Caxias e seguindo por aproximadamente 6 horas, o bloco reconfigurou pontos de intensa representatividade pelo caminho. Passou pela Assembleia Legislativa, Teatro São Pedro, percorrendo ruas que concentram museus, um shopping, a sede de um jornal, prédios e casarões, adentrando a Rua 7 de setembro com seus centros administrativos, comerciais e bancários, cruzando com vigor a expressividade da Casa de Cultura Mario Quintana e caminhando sobre os ladrilhos da Rua dos Andradas, até desembocar na Praça da Alfândega. Como mostra a figura a seguir:

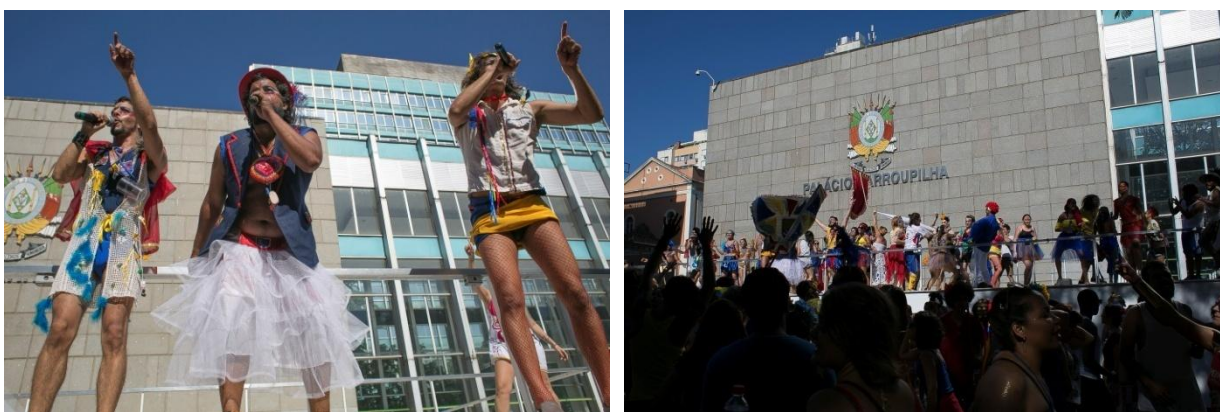
**Figura 10 – Trajeto do Carnaval do Bloco da Laje 2016**



FONTE: Google Maps. Edição do autor.

Esse trajeto foi pontuado por performances em diversos de seus pontos. Na frente da Assembleia Legislativa, por exemplo, um cordão de pedaços de tecidos amarrados foi conduzido entre os brincantes ao som da música autoral “Cordão da Idade Média”, carregada de uma atual crítica social, até a parte elevada do Palácio Farroupilha onde um político caricato, com seu barrigão, jogava “dinheiro” para a multidão. As fotos que ilustram a performance relatada (Figura 11) mostram Juliano, Diego e Thiago – interlocutores da entrevista – cantando a música. Na outra foto pode-se ver a ocupação do espaço pelos que carregavam o cordão.

**Figura 11 – Carnaval do Bloco da Laje 2016 – Palácio Farroupilha.**



FONTE: Guilherme Santos

Segue a letra da musica:

Bloco da Laje – Cordão da Idade Média

Chegou o Cordão da Idade Média  
Não pode fumar um, não pode dar o cu  
Chegou o Cordão da Idade Média  
Não pode escolher se vai ter o nenê  
Chegou o Cordão da Idade Média

Você com Alcorão, ou a Bíblia na mão,  
Você também tem cu, tem cu, tem cu, tem cu

Chegou o Cordão da Idade Média  
Acabou a brincadeira. Vai tudo pra fogueira.

É é é cruel  
Um candidato cristão  
Com a conta bem roliça na Suíça  
Pela família e pela nação.



O percurso de intensa movimentação, interação, musicalidade e cores teve a presença marcante do próprio trajeto, de viva existência e sendo entoado nos seus pontos representativos por Juliano, se tornando parte integrante da construção narrativa. A interação do Bloco pode ser vista na Figura 12. Na foto da esquerda acontecia uma ocupação e intervenção em frente ao Teatro São Pedro, enquanto o bloco passava cantando, e na da direita os brincantes desciam a Rua Riachuelo.

**Figura 12 – Carnaval Bloco da Laje 2016: Teatro São Pedro e Rua Riachuelo**



FONTE: À esquerda, Guilherme Santos. À direita, do autor.

Dentro desse conjunto de acontecimentos e de brincantes, havia ainda câmeras e microfones que registravam tudo, a produção quase invisível de um documentário que seguia o seu personagem pelo bloco, até um “drone” que captava imagens para a produção de um DVD e só era perceptível aos olhos muito atentos. Em meio a esses registros, estava também a realização de uma intensa experiência do fazer etnográfico, merecendo destaque um trecho do diário de campo:

Dentro daquele carnaval eu conhecia muitas pessoas, mas todas pareciam e de fato eram novas pessoas. Eu procurei desenvolver um trajeto dentro daquele trajeto de carnaval, fui e voltei muitas vezes, tendo como referencia duas amigas que estavam mais na frente e um grupo de amigos que estavam no fundo, tentando nesse vai e vem captar a intensidade do momento. Não sei precisar quantas vezes fui absorvido nessas transições, quantos cumprimentos troquei, quantos olhares cruzei, quantos pulos no embalo de alguma música que contagiava a mim e a outros a minha volta pulei. Entendi pela primeira vez o que significa se deixar afetar pela experiência, com a minha fantasia e dentro daquela saída de carnaval eu não era mais um antropólogo ou um brincante, eu era um ‘antropólogo brincante’ construindo junto e fazendo parte daquela narrativa.

O surgimento dessas novas pessoas naquele trajeto vai muito ao encontro da ideia de construção de uma identidade coletiva. Traz a fusão de uma gama de elementos que se permitem naquele momento. A interação entre as pessoas e entre as pessoas e os espaços também se produz de forma reconfigurada. Outro ponto marcante no trajeto foi o cruzar da Casa de Cultura Mario Quintana, onde o bloco ocupou-a por completo, parando no meio da sua travessa e subindo pelas passarelas que a conectam, numa fusão completa com o antigo hotel e hoje espaço multicultural.

**Figura 13 – Carnaval do Bloco da Laje 2016: Casa de Cultura Mario Quintana**



FONTE: Guilherme Santos

Já na Rua dos Andradas, em frente a uma pequena igreja, o Bloco trouxe para o seu convívio uma das figuras de maior carisma e simbolismo dentro dos seus cortejos. Jesus se pronunciou em uma fala rápida pregando a liberdade, o respeito, criticando a sociedade patriarcal e as marcas que “ganham às nossas custas”. Até o momento que informa que não vai poder descer, e entre os clamores e rufadas perguntam para ele: “Jesus, porque que tu não desce pra brincar com o Bloco da Laje? Porque Jesus?” e Jesus responde: “Porque além de eu ter morrido a muito tempo, eu to *pregadão*”. Recomeçando a música em grande intensidade e cantada por toda a multidão que carregava Jesus até a Kombi de som.

Quando, por fim, toca “Quero botar meu bloco na rua” de Sergio Sampaio e o cortejo chega à Praça da Alfândega, a construção coletiva daquele momento termina, mas no imaginário de quem viveu essa experiência aqueles espaços nunca mais serão os mesmos.

## **6. Considerações Finais**

No presente trabalho se procurou mostrar a formação, construção e consolidação de um bloco específico de carnaval, o Bloco da Laje. Para isso foram elencados diferentes elementos da sua constituição e utilizou-se o posicionamento do bloco perante o apoderamento do Carnaval de Rua.

Num primeiro momento foram expostas as situações que deram origem ao bloco. Dentre elas, a espontaneidade e a inserção em um ambiente de contestação política e efervescência cultural. Também a maneira crítica de pensar a utilização da brincadeira, as experiências no Carnaval de Rua do Rio de Janeiro, os desejos de criação de algo novo e a ponderação da primeira saída no Carnaval de Rua de Porto Alegre, permeada de uma série de características que se tornariam presentes no seu processo de identificação.

Procurou-se vislumbrar que dentro de uma conjuntura de retomada espontânea do Carnaval de Rua pelos blocos, passou a ocorrer um processo de apropriação por parte do poder público e da iniciativa privada. Esse processo mudou os moldes do que era proposto, e se deu juntamente com uma expansão da festa. Foram usados como referência comparativa alguns exemplos do que ocorreu no Carnaval de Rua Carioca para que pudesse ser traçado um panorama geral.

Dentre os blocos que participaram do ressurgimento do Carnaval de Rua em Porto Alegre, o Bloco da Laje foi o único que procurou outra forma que não a inserção nessa proposta de padronização estética, voltada ao controle e reprodução das marcas. Demonstrando autonomia desde a sua formação e continuando a demonstrar frente a essa conjuntura, o bloco se manteve firme em seus posicionamentos e na forma como pensava a utilização e produção da festa.

A construção de uma identidade coletiva procurou ser ressaltada como o elemento central desse modo de proceder. A identidade, permeada por três características centrais –

musicalidade, teatralização e visualidade – acabou por reconfigurar categorias dadas, como os espaços da cidade e a interação entre integrantes do bloco e brincantes. Além disso, criou um contínuo processo de invenção que trouxe a carga da formação, dos cinco anos de saídas de carnaval, dos seus posicionamentos e que culminou numa resignificação crítica dos espaços e das pessoas que participam dos seus cortejos.

As diversas experiências do período de formação desse bloco mesclam-se com as suas características e com a percepção dos espaços e momentos que permitem uma contínua construção dessa identidade. O maior exemplo foi a possibilidade de lançarem um Projeto de Financiamento Coletivo para o Carnaval de 2016 e sair pela primeira vez às ruas pela manhã e com total autonomia, sendo “financiados” pelos que se identificam com o bloco. Sem sentido quando vinculada a um movimento de “massificação”, a identidade do bloco tem sua essência nos brincantes e na forma de concepção das criações musicais, das fantasias, dos espaços, e, enfim, de um posicionamento político e crítico para com as instituições.

## 7. Referências Bibliográficas

BRASIL, Maria Antônia Marques; FOLBERG, Maria Nestrovsky. O carnaval e seus semblantes: os clóvis. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 43, p. 67-79, jul. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372015000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372015000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 26/07/2016.

CARMONA, Luiza; LÁZERI, Thiago. **Projeto Bloco da Laje Carnaval 2016**. Dez. 2015. Disponível em <<https://www.catarse.me/pt/blocodalaje2016>>. Acesso em: 17/05/2016.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Os sentidos no espetáculo. **Revista de Antropologia**, v. 45, n. 1, p. 37-78, 2002.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**: Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

DUARTE, Ulisses Corrêa. A Cultura Carnavalesca Em Porto Alegre: O Espetáculo, A retórica e a Organização Da Festa. **O&S**, Salvador, v. 20, p. 165-182, 2013.

FRYDBERGY, Maria Bay. Ó Abre Alas: Cultura e Economia através da Festa dos Blocos de Carnaval de Rua na Cidade do Rio de Janeiro. In: **38º Encontro Anual da Anpocs**. GT02 – Arte e Cultura nas Sociedades Contemporâneas. Minas Gerais, 2014.

FRYDBERGY, Maria Bay; EIRAS, Rebeca Eler de Carvalho. “Eu Quero É Botar Meu Bloco na Rua”: O Carnaval dos Blocos No Rio De Janeiro Entre a Mercantilização e as Práticas Tradicionais. In: **VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo**. PUC-RJ, Rio de Janeiro, 24, 25 e 26 de setembro de 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 10. ed. 2005.

HERSCHMANN, Micael. Apontamentos sobre o crescimento do Carnaval de rua no Rio de Janeiro no início do século 21. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 36, n. 2, p. 267-289, 2013.

MARQUES, Márcio. **A Revitalização do Carnaval de Rua do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2005.



QUEIROZ, Maria Isaura Pereira De. **Carnaval Brasileiro: O Vivido e o Mito**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SANDRONI, Carlos. “... Do Frevo e Do Maracatu”: Música e Festa No Carnaval Pernambucano. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 14, p. 71-88, mai. 2013.

VELHO, Gilberto. **Um Antropólogo na Cidade: Ensaio de Antropologia Urbana**. Seleção e apresentação: Hermano Vianna, Karina Kuschnir e Celso Castro. Zahar: Rio de Janeiro, 2013.

VIANNA, Hermano. Tradição da Mudança: A Rede das Festas Populares Brasileiras. In: CUNHA, M. (Org.). **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 32, 2005.

WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.